



## **SEMÂNTICA, GÊNERO E SEXUALIDADE: O CONCEITO DOS PAJUBÁS DA COMUNIDADE LGBT**

Deni Iuri Soares Candido da Silva<sup>1</sup>  
Odair José Silva dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O léxico de uma comunidade linguística pode se caracterizar bem mais que um conjunto de vocábulos, já que representa diferentes tipos de comunidades ou ainda auxilia a traçar perfis de identidade. Discutindo essas ideias, o presente artigo visa a refletir sobre as interseções entre semântica, gênero e sexualidade de forma que se possa compreender a importância do estudo da diversidade sexual e gênero, partindo de pressupostos linguísticos. Para essas discussões, utilizaremos as contribuições de Delbecque (2009), Rocho (s/d), Neto (2006) e Levkoff (2007). Dessa forma, o texto contempla a diversidade e analisa a língua a partir da observação do comportamento da comunidade LGBT.

**Palavras-chave:** Léxico; Gênero; Sexualidade; LGBT.

### **SEMANTIC, GENDER AND SEXUALITY: THE CONCEPT OF PAJUBÁS IN LGBT COMMUNITY**

29

**Abstract:** How the lexicon of a linguistic community can define more than a group of words, considering that it represents different kind of communities and helps identifying profiles. To discuss ideas, this paper intends to make reflections about the intersections between semantic, gender and sexuality, and is able to understand the matter of the studies of sexual diversity and gender, based on linguistic assumptions. For this, I will use the contributions of Delbecque (2009), Rocho and Neto (2006) and Levkoff (2007). By the information given, the paper contemplates the diversity and analysis of the language of the behavior of the LGBT community.

**Keywords:** Lexicon, Gender, Sexuality, LGBT.

### **Introdução**

O presente trabalho tem o intuito de trazer para dentro da academia, uma questão relevante para a área de pesquisa linguística: os estudos de gênero e a diversidade da língua dentro e fora da própria comunidade LGBT<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras - Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS); Professor Assistente da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu.

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Transgêneros.



Nesse âmbito, estudaremos terminologicamente como se configuram os conceitos dos Pajubás, visto como um conjunto de palavras utilizadas pelas travestis e possuem origens nos terreiros de matriz africanas. No entanto, não é nosso objetivo tratar da forma como essas expressões são expostas em sociedade, mas sim, trazer em debate, a diversidade dessas expressões e os conceitos dessas diversas expressões para o referido grupo.

Paralelamente, o estudo de gênero e a diversidade sexual serão introduzidos na pesquisa por se tratar de uma comunidade vista socialmente como “minoría” e para desconstruir e construir alguns conceitos referentes ao próprio assunto de gênero e sexualidade.

Na configuração deste texto, inicialmente apresentamos considerações sobre estudos linguísticos na área do léxico e da semântica, com a finalidade de levantar subsídios necessários para dar respaldo a discussão linguística aqui proposta. Em um segundo momento, como se trata do assunto pajubá, é de extrema importância situar e exemplificar de maneira sucinta a origem de tais expressões e como que elas se aplicam nesse objeto de análise. Neste mesmo momento realizamos uma análise inicial dos vocábulos e conceitos levantados para, na última seção, apresentarmos nossas considerações finais.

30

### **Entre léxico e conceptualização: um olhar sobre os estudos linguísticos**

O léxico de uma comunidade reflete bem mais que o seu conjunto de vocábulos, ao passo que carrega substratos históricos, culturais e ideológicos. Em outras palavras, nas palavras de Oliveira e Isquierdo (1998),

representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, e desta forma, ao mesmo tempo ele recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 9).

Assim, é tarefa também da lexicologia, ciência que estuda o léxico enquanto fenômeno linguístico, levantar, registrar e analisar substratos que se inter-relacionam com a língua. Esse ramo de estudos tem algumas subáreas que refletem a dinamicidade da língua e a teia de aspectos sociais que a envolvem,



tais como a Lexicografia (estudos que vão da análise à produção de dicionários), a Terminologia (estudos relacionados a termos próprios de determinadas áreas ou contextos) e os estudos de léxico comum (investigações de itens lexicais usados cotidianamente por toda comunidade de falantes ou por grupos). Torna-se relevante, para a pesquisa aqui apresentada, caracterizar a Terminologia:

A Terminologia como ramificação dos estudos lexicais surge da necessidade de nomear conceitos que são próprios de uma especialidade, seja ela uma ciência, uma teoria, uma ideia. Seu objetivo é expressar conceitos e não significados. Uma vez que o conceito antecede a denominação, pois primeiro conceituamos e, em seguida, nomeamos esse conceito, o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico, como parte de determinado campo. Assim, o conceito é o responsável por tornar uma palavra um termo (ABBADE, 2014, p. 361).

Dessa forma, o registro e a análise de diferentes vocábulos em situações de uso, bem como seu conceito, contribuem para reflexões que visam ao entendimento e compreensão do funcionamento da língua. Além disso, estudos como o aqui propostos problematizam e questionam temas marginais e auxiliam a compreender um pouco de como funciona a dinâmica das relações interpessoais, verificadas por meio dos usos de língua.

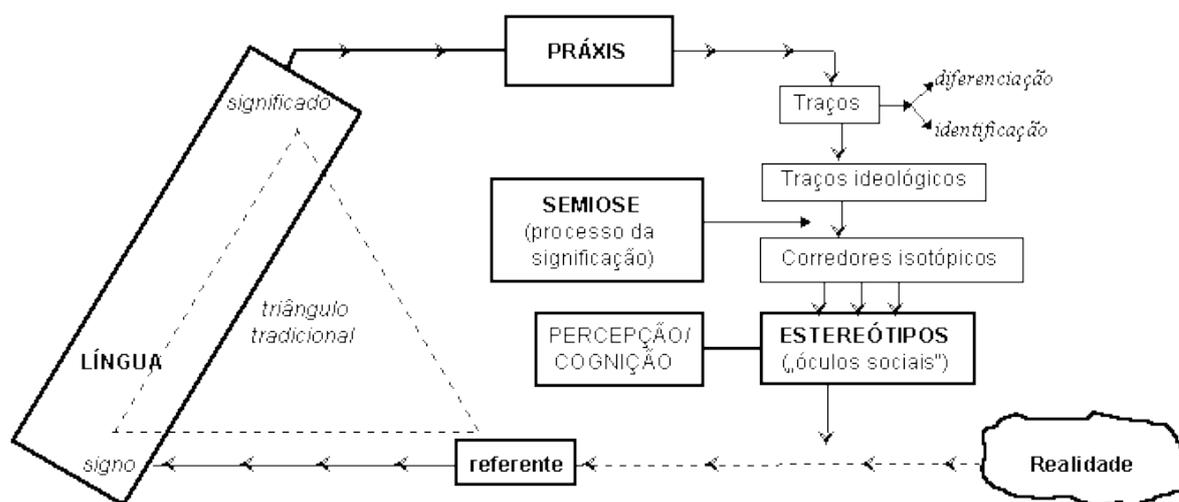
Não há como dissociar um dizer com a cultura na qual está envolvido. O contexto cultural assume grande importância no discurso de Eco, já que por trás do que é dito numa língua há sempre concepções, uma relação intrínseca com ideias e estilos de vida. Dizer a mesma coisa sugere habitar nas “margens da infidelidade em relação a um núcleo de suposta fidelidade” (ECO, 2011, p. 15). Há, nesse caso, uma força de cumplicidade entre texto e língua de origem que o tradutor não pode abrir mão, o que em certa medida torna-se complicado, uma vez que se percebe que muitas expressões possuem significações próprias só e na sua língua fonte.

Partindo da ideia de Delbecque (2009, p. 17) que toda língua “não é simplesmente uma ferramenta de comunicação, ela também reflecte a percepção do mundo vigente em dada comunidade cultural”, percebe-se que o universo conceptual não está preso apenas a algumas poucas significações, já que elas conduzem os falantes a verem determinadas formas de visão de mundo.



Segundo Delbecque (2009), a condição humana de fazer parte de uma sociedade está interligada ao fato de compartilhar experiências. A autora, comentando as ideias do filósofo John Locke, afirma que as “palavras específicas de uma língua representam ‘ideias complexas’ saídas dos ‘costumes e formas de viver’ do povo” (DELBECQUE, 2009, p. 176). Esse processo que interliga língua, processos mentais e realidade está proposto no esquema que segue:

FIGURA 1: Língua, processos mentais e realidade



FONTE: disponível em <http://www.ced.ufsc.br/uriel/signo.htm>

No âmbito dos estudos sobre o relativismo linguístico, um exemplo é o caso dos primitivos semânticos. Segundo Delbecque (2009) itens lexicais podem não conter equivalentes em outras línguas; é o caso da omissão da palavra “mão” em russo, dado que “ruka” possui como significação o braço todo. Termos como *coer*, *rasion* e *patrie* estariam atrelados essencialmente à cultura francesa, assim como *work*, *love* e *freedom* à anglo-saxônica; nesses casos, percebe-se que “as palavras culturalmente específicas reflectem as condições de vida de uma comunidade e estão ligadas à sua história e ao seu ambiente particulares” (DELBECQUE, 2009, p. 199).



Para Hjelmslev, a língua contém um plano de expressão e um plano de conteúdo, sendo que “cada um dos dois planos consiste em forma e substância e ambos são o resultado da segmentação de um *continuum* ou matéria pré-linguística” (ECO, 2011, p. 39), conforme pode ser observado na figura abaixo:

FIGURA 2: *Continuum* do mundo



FONTE: Eco, 2011, p. 39

Em uma língua, a forma de expressão abarca o sistema fonológico, repertório lexical e regras sintáticas e a forma de conteúdo o sentido dado a cada repertório. Alude-se, então, para o fato de que uma língua pode concatenar diferentes formas de expressão a formas de conteúdo, formando *continuum* de diferentes maneiras; neste sentido, línguas (culturas) possuem sistemas de expressão e conteúdos diferentes, onde no âmbito da tradução “dois sistemas de conteúdo são mutuamente inacessíveis ou mesmo incomensuráveis, e que, portanto, as diferenças na organização do conteúdo tornam a tradução teoricamente impossível” (ECO, 2011, p. 40).

Torna-se visível, a partir dessas ideias, que o contexto cultural torna relativiza a ligação entre conteúdo e expressão, o que possibilita inferir que um sentido muitas vezes só possível em um determinado contexto; num processo tradutório, torna-se relevante que o tradutor tenha conhecimento da cultura à em que o texto a ser traduzido está imerso, bem como os efeitos pretendidos diante deste contexto.

Para Eco (2011, p. 29), “as palavras assumem significados diversos segundo o contexto”; pode-se, neste sentido, levar em conta que “o que uma



sociedade ‘diz’ em termos de relações, uma outra sociedade o ‘diz’ em termos de relações, uma outra sociedade o ‘diz’ em termos de organização espacial da aldeia, uma terceira em termos de representações religiosas, etc” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 86).

Portanto, o contexto ganha grande importância no processo de interação e a tradução de um ato de fala edifica-se também como uma negociação, visto que se negocia “o significado que a tradução deve expressar porque se negocia sempre, na vida cotidiana, o significado que devemos atribuir às expressões que usamos” (ECO, 2011, p. 94).

### **Entre gênero e sexualidade: algumas considerações**

Por consequência de se tratar de um trabalho sobre a comunidade LGBT, é de grande importância falar sobre o assunto gênero e sexualidade. Logan Levkoff (2007), em sua obra intitulada *Como falar de sexo para seus filhos – o que eles estão aprendendo hoje e como ensiná-los a ter uma vida sexual saudável*, aborda sexo e sexualidade de uma forma muito didática e a intenção deste artigo é abordar sobre diversos temas de forma mais clara e diferente dos muitos trabalhos acadêmicos, no sentido de escrita acadêmica<sup>4</sup>.

É válido ressaltar que, sobre o assunto gênero e sexualidade, todo o envolvimento estará de certa forma voltada mais para o público LGBT, mas isso não significa que pessoas não pertencentes a esse grupo não possam ler, refletir e aprender mais sobre toda essa diversidade. Discutindo esse aspecto, Louro (2008, p. 21) defende que “a luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados produzidos em meio a relações de poder”.

É necessário, para toda e qualquer discussão dessa natureza, pensar que gênero e sexualidade são distintos. Por mais que ambos estejam dialogando, isso não quer dizer que necessariamente tenham que ter o mesmo significado.

---

<sup>4</sup> Escrita acadêmica está relacionada à forma com que pesquisadores escrevem seus trabalhos para a área científica. O uso de palavras menos conhecidas e ditas pela grande massa como palavras “difíceis”.



Para Louro (2008, p. 19), “ainda que normas culturais de há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade”.

Quando se fala/pensa em gênero, a primeira coisa que vem à mente de grande parte das pessoas é o gênero masculino e o gênero feminino; no entanto, essa discussão transcende essa barreira e adentra a um campo terminológico e conceitual bem mais denso e complexo. Apesar da forma convencional de pensar que há apenas esses dois gêneros, existe uma diversidade toda de gêneros que não se incluem no que é dito como “padrão” (construção social). Nesse cenário, há homens e mulheres *cisgêneros* e homens e mulheres *transgêneros*<sup>5</sup> e existem pessoas que transitam entre o gênero masculino e o gênero feminino, sem se sentirem pertencentes a um único gênero, ou seja, pessoas *não-binárias*.

Diante desses aspectos, Louro (2008) explica:

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2008, p. 21).

Nesse âmbito, quando se trata do assunto sexualidade, buscamos definir essa “ação sexual” por sua atração física, emocional ou até mesmo romântica diante de outra pessoa; e dentro desse universo sexual, existem pessoas assexuais, heterossexuais, bissexuais, pansexuais ou homossexual, como explicamos na sequência.

- Assexuais – Pessoa que dificilmente (raro) ou nunca (não é regra) sente atração sexual.
- Heterossexuais – Pessoa que sente atração pelo gênero oposto ao dela.

---

<sup>5</sup> TRÂNS de transexual, travesti, transgênero – são pessoas que não correspondem ao seu gênero ao nascer e por tal motivo são nomeados de transexual, transgênero e travesti e o contrário de pessoas trâns, são pessoas CIS, que corresponde ao seu gênero ao nascer.



- Bissexuais - Pessoa que sente atração sexual por mais de um gênero.
- Pansexuais – Pessoa que sente atração sexual por todos os gêneros.
- Homossexual – Pessoa que sente atração sexual pelo mesmo gênero.

Ampliando essa discussão, Louro (2008) explicita:

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente (LOURO, 2008, p. 18).

Desse modo, compreende-se que gênero e sexualidade são assuntos de um mesmo meio socioeducativo, porém, com significados diferentes. Gênero é como uma pessoa se sente ou se apresenta socialmente, já sexualidade, é a forma como que se relaciona com as outras pessoas.

### **Entre gênero, linguagem e sexualidade: o caso do Pajubá**

36

O pajubá tem suas raízes como “linguagem praticadas pelos membros das comunidades religiosas afro-brasileiras, dos quais os pesquisadores designaram como língua-de-santo” (NETO, 2006). Além da definição de Neto (2006) sobre os pajubás, Rocho também contribui dizendo que “O pajubá configura um conjunto de palavras utilizadas pelas travestis e possuem origens nos terreiros de matriz africana. Era utilizado como forma de diálogo na noite para dificultar o entendimento de suas conversas pelos policiais que reprimiam a realização da prostituição” (ROCHO, s/d, s/p).

E, nesse sentido, conceituamos linguisticamente, muitas (grande maioria) das expressões como neologismos, uma vez que se trata de um novo conceito que se insere ao campo semasiológico de um significante qualquer, o que permite perceber a ampliação de um campo semântico por meio de novas conotações que vão sendo acrescidas a um significante (BIDERMAN, 2001).

Sob essa perspectiva, confeccionamos e apresentamos a seguir um quadro que registra itens lexicais considerados pajubás, bem como a sua relação conceptual. A confecção da tabela com os termos tem o objetivo de demonstrar



a variação linguística e conceitual dentro da própria comunidade LGBT e fazer uma ponte de ligação entre as questões linguísticas e culturais. Por tratar-se ainda de um estudo com poucos subsídios textuais para formação de um corpus considerável, optamos por confeccionar o quadro com base em um site<sup>6</sup> que cita e descreve muitas dessas expressões.

Dessa forma, a primeira coluna traz o item lexical, a segunda coluna apresenta o conceito para a comunidade LGBT (mais precisamente pelas (os) TRANS, pois esses termos são mais utilizado pelas pessoas constituintes da sigla “T” da comunidade LGBT), e a terceira coluna traz alguns emprego desses itens.

QUADRO 01 - Pajubás

<b>Item lexical/Pajubá</b>	<b>Conceito</b>	<b>Contexto de uso</b>
<b>Amapô ou Amapôa</b>	Mulher	Viado, olha aquela amapôa!
<b>Aqué</b>	Dinheiro	
<b>Atender</b>	Ato de ir até a casa de alguém, ou qualquer local para transar.	
<b>Arrasou</b>	Expressão de admiração em relação a um ato bem-sucedido.	
<b>Bafo/Babado</b>	Fato que pode dar o que falar.	Bixa, tenho um babado pra te contar.
<b>Barbie</b>	Homem homossexual malhado e afeminado.	Olha aquela Barbie ali, Viado!
<b>Banheirón</b>	Banheiro festivo com diversas finalidades, entre elas o uso de drogas, conversas e sexo.	

<sup>6</sup> As informações estão disponíveis em: <http://ex-tenso.blogspot.com.br/2010/08/dicionario-do-pajuba.html>



<b>Bater bolacha</b>	Ato sexual entre mulheres homossexuais.	
<b>Bater um bolo.</b>	Masturbação entre homens homossexuais.	
<b>Bigodón</b>	Bigode; mulher com buço; pelos pubianos que saem pra fora da sunga/cueca.	
<b>Bilú</b>	Homossexual metido a rico.	
<b>Bofe</b>	Homem heterossexual ou homossexual com perfil bem masculino.	
<b>Biba</b>	Homem homossexual/Designação carinhosa.	
<b>Bee</b>	Homem homossexual, abreviação de “bixa”	
<b>Bolacha</b>	Mulher homossexual.	
<b>Boneca</b>	O mesmo que travesti.	
<b>Buatchy</b>	Casa noturna.	
<b>Carimbar</b>	Transmitir doença sexualmente transmissível.	
<b>Cafuçu</b>	Indivíduo grosseiro, selvagem, roceiro, peão.	
<b>Caminhoneira</b>	Mulher homossexual masculinizada.	
<b>Carão</b>	Faz pose, ser esnobe, debochar.	Faz carão, bixa!
<b>Climão</b>	Saia-justa.	Bixa, que climão que ficou lá, né?
<b>Cheque</b>	Restos de fezes que barram a cueca ou o órgão sexual do parceiro.	Não acredito que você passou um cheque nele!



<b>Chuca</b>	Lavagem retal	Bixa, tu fez a chuca pra não passar o cheque, né?
<b>Colar velcro</b>	Ato sexual entre duas mulheres.	
<b>Cunete</b>	Beijo e/ou lambida no anus.	
<b>Dar bandeira</b>	Fazer algo que deixe claro a sua homossexualidade.	
<b>Dadeira</b>	Que gosta de assumir a passividade.	
<b>Dar pinta</b>	O mesmo que dar bandeira.	
<b>Dar a Elza</b>	Esconder; roubar.	Viado, eu vi tu dando a Elza.
<b>Dar o truque</b>	Dar golpe	
<b>Edí</b>	Ânus	
<b>Entendida</b>	Lésbica.	
<b>Fazer a Angélica</b>	Ir de táxi	Ui! Ela só faz a Angélica.
<b>Fazer a Kátia</b>	Fingir ser cega.	
<b>Fazer a louca</b>	Ter uma atitude não muito bem aceita socialmente.	
<b>Fazer a egípcia</b>	Virar a cara e ficar de perfil.	
<b>Lelé</b>	Lésbica	
<b>Mona</b>	Mulher e/ou homem homossexual afeminado.	
<b>Mala</b>	Órgão genital masculino, quando marcado na calça.	Bixa, disfarça e olha aquela mala ali.
<b>Michê</b>	Garoto de programa.	
<b>Neca</b>	Órgão genital masculino.	
<b>Nhaííí?</b>	Expressão de cumprimento.	
<b>Pajubá</b>	Dialeto falado pela comunidade gay e simpatizantes.	



<b>Paulo Otávio</b>	Cocaína	
<b>Pão-com-ovo</b>	Pessoa pobre.	
<b>Picumã</b>	Cabelo	
<b>Poc-poc</b>	Homem homossexual novinho e bem afeminado.	
<b>Racha</b>	Mulher	
<b>Sair do armário</b>	Assumir a homossexualidade.	
<b>Sair do closet</b>	O mesmo que sair do armário.	
<b>Sapa</b>	Mulher homossexual/lésbica.	
<b>Tia</b>	O mesmo que maricon, bixa velha.	
<b>Urso</b>	Sujeito gordo e/ou peludo	
<b>Versátil</b>	Homossexual que gosta de ter tanto papel de ativo quanto passivo.	
<b>Xoxar</b>	Falar mal de algo ou alguém.	

FONTE: adaptado de <http://ex-tenso.blogspot.com.br/2010/08/dicionario-do-pajuba.html>

Pode-se observar que, na construção de algumas expressões para a comunidade LGBT, é utilizada palavras de diferentes áreas, tanto substantivos quando nomes próprios e a todos são atribuídos novos conceitos, utilizados especificamente em determinado fim e por pessoas que convivem nesse contexto.

A expressão “fazer a Katia”, por exemplo, pode fazer referência à cantora Kátia, dos anos 1970, que era deficiente visual e, da mesma maneira, “fazer a Angélica” pode ser “ir de táxi”, pois Angélica é uma celebridade brasileira e ficou famosa pelo seu trabalho com as crianças e seu *hit* de sucesso se chama “Vou de táxi”.

A expressão “urso”, que no pajubá é usado para homem gordo e peludo, contrasta com a figura do animal urso por ser um animal de grande porte. Já



“pão-com-ovo” remete a pessoas pobres por ser um alimento barato e muita das vezes essa expressão “bicha pão-com-ovo” é usada de forma pejorativa. O item “caminhoneira” é utilizado no sentido de que apenas homens são vistos nessa ocupação, por ser considerada uma profissão dominada pelo gênero homem *cisgênero* heterossexual e nesse sentido, quando se vê uma mulher lésbica “masculina” refere-se a ela como “caminhoneira” por trazer consigo características ditas pertencentes ao gênero homem *cisgênero* heterossexual.

O vocábulo “barbie”, faz referência à boneca *barbie* por ser considerada o espelho daquilo que é visto como padrão de beleza, e dessa forma, chamar um homem de “barbie”, quer dizer o mesmo que achar que ele se encaixe nesses padrões ou que ele tenha trejeitos ditos socialmente como pertencentes ao gênero mulher *cisgênero*, e nesse sentido, tudo que for feminino é designado a essa classe de pessoas.

### **Considerações finais**

De acordo com as ideias expostas, é possível contemplar que a cultura e as relações sociais, vistas como um processo cognitivo, interliga ideias e ações que são construídas historicamente.

As ligações entre campo linguístico e campo social, construídos cognitivamente, são visíveis à medida que se percebe que um item lexical é carregado de concepções culturais, funcionando em processos cognitivos. Diante do que foi realizado e apresentado neste texto, tentamos trazer discutir assuntos pertinentes da comunidade LGBT em um diálogo com os estudos linguísticos, principalmente a partir das áreas da Semântica e da Lexicologia.

O diálogo aqui estabelecido entre as diferentes áreas propõe elucidar que a língua possui também um capital simbólico, de modo que os itens lexicais pertencentes ao pajubá, aqui estudados, configuram-se como exemplos dos resultados entre as relações sociais, muitas vezes convencionalizadas por ideologias dominantes, gerando marginalização. Ressaltamos que nossa investigação é incipiente e que abre caminho para aprofundamentos nessa área,



além de trazer para debate questões de gênero e sexualidade para o meio acadêmico.

### Referências bibliográficas

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A terminologia espírita a partir do Livro dos Espíritos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2014 (vol. VII).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DELBECQUE, Nicole. **A linguística cognitiva**: epigênese e desenvolvimento. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

LEVKOFF, Logan. **Como falar de sexo com seus filhos** – O que eles estão aprendendo hoje e como ensiná-los a ter uma vida sexual saudável. São Paulo: Editora Gente, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural 2**. 3. ed. Rio de Janeiro: 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008, p. 17-23.

NETO, Antonio Gomes da Costas. **A Linguagem no Candomblé**: um estudo linguístico sobre as comunidade religiosas afro-brasileiras – 2006

ROCHO, Vitor de Amorin Gomes. **Religiosidade QUEER e XS SUJEITXS MAGNALIZADXS**.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998 (vol. I).

UFSC. **O Signo no Mundo do Dicionário e da Enciclopédia**. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~uriel/signo.htm>. Acessado em 20 de fevereiro de 2013.